

A fé é esperança

1. «*SPE SALVI facti sumus*» – é na esperança que fomos salvos: diz São Paulo aos Romanos e a nós também (*Rm 8,24*). A «redenção», a salvação, segundo a fé cristã, não é um simples dado de facto. A redenção é-nos oferecida no sentido que nos foi dada a esperança, uma esperança fidedigna, graças à qual podemos enfrentar o nosso tempo presente: o presente, ainda que custoso, pode ser vivido e aceite, se levar a uma meta e se pudermos estar seguros desta meta, se esta meta for tão grande que justifique a cansaça do caminho.

2. Antes de nos debruçarmos sobre estas questões, hoje particularmente sentidas, devemos escutar com um pouco mais de atenção o testemunho da Bíblia sobre a esperança. Esta é, de facto, uma palavra central da fé bíblica, a ponto de, em várias passagens, ser possível intercambiar os termos «fé» e «esperança». Assim, a *Carta aos Hebreus* liga estreitamente a «plenitude da fé» (10,22) com a «imutável profissão da esperança» (10,23). De igual modo, quando a *Primeira Carta de Pedro* exorta os cristãos a estarem sempre prontos a responder a propósito do *logos* – o sentido e a razão – da sua esperança (3,15), «esperança» equivale a «fé». Quão determinante se revelasse para a consciência dos primeiros cristãos o facto de terem recebido o dom de uma esperança fidedigna, manifesta-se também nos textos onde se compara a existência cristã com a vida anterior à fé ou com a situação dos adeptos de outras religiões. Paulo lembra aos Efésios que, antes do seu encontro com Cristo, estavam «sem esperança e sem Deus no mundo» (*Ef 2,12*). Naturalmente, ele sabe que eles tinham seguido deuses, que

tiveram uma religião, mas os seus deuses revelaram-se discutíveis e, dos seus mitos contraditórios, não emanava qualquer esperança.

3. Porém, agora coloca-se a questão: em que consiste esta esperança que, enquanto esperança, é «redenção»? Pois bem, o núcleo da resposta encontra-se no trecho da *Carta aos Efésios* já citado: os Efésios, antes do encontro com Cristo, estavam sem esperança, porque estavam «sem Deus no mundo». Chegar a conhecer Deus, o verdadeiro Deus: isto significa receber esperança. A nós, que desde sempre convivemos com o conceito cristão de Deus e a ele nos habituamos, a posse duma tal esperança que provém do encontro real com este Deus quase nos passa despercebida. O exemplo de uma santa da nossa época pode, de certo modo, ajudar-nos a entender o que significa encontrar pela primeira vez e realmente este Deus. Refiro-me a Josefina Bakhita, uma africana canonizada pelo Papa João Paulo II

O conceito de esperança baseada sobre a fé no Novo Testamento e na Igreja primitiva

4. Antes de enfrentar a questão de saber se também para nós o encontro com aquele Deus que, em Cristo, nos mostrou a sua Face e abriu o seu Coração poderá ser «performativo» e não somente «informativo», ou seja, se poderá transformar a nossa vida a ponto de nos fazer sentir redimidos através da esperança que o mesmo exprime, voltemos de novo à Igreja primitiva. Não é difícil notar como a experiência da humilde escrava africana Bakhita foi também a experiência de muitas pessoas maltratadas e condenadas à escravidão no tempo do cristianismo nascente. O cristianismo não tinha trazido uma mensagem sócio revolucionária semelhante à de Espártaco que tinha fracassado após lutas cruentas. Jesus não era Espártaco, não era um guerreiro em luta por uma libertação política, como Barrabás ou Bar-Kochba.

5. Devemos acrescentar ainda um outro ponto de vista. A *Primeira Carta aos Coríntios* (1,18-31) mostra-nos que uma grande parte dos primeiros cristãos pertencia às classes baixas da sociedade e, por isso mesmo, se sentia livre para a experiência da nova esperança, como constatámos no exemplo de Bakhita. Porém, já desde os começos, havia também conversões nas classes aristocráticas e cultas, visto que também estas viviam «sem esperança e sem Deus no mundo». O mito tinha perdido a

sua credibilidade; a religião romana de Estado tinha-se esclerosado em mero cerimonial, que se realizava escrupulosamente, mas reduzido já simplesmente a uma «religião política». O racionalismo filosófico tinha relegado os deuses para o campo do irreal. O Divino era visto de variados modos nas forças cósmicas, mas um Deus a Quem se podia rezar não existia. Paulo ilustra, de forma absolutamente apropriada, a problemática essencial da religião de então, quando contrapõe à vida «segundo Cristo» uma vida sob o domínio dos «elementos do mundo» (Col 2,8). Nesta perspectiva, pode ser esclarecedor um texto de São Gregório Nazianzeno. Diz ele que, no momento em que os magos guiados pela estrela adoraram Cristo, o novo rei, deu-se por encerrada a astrologia, pois agora as estrelas giram segundo a órbita determinada por Cristo [2]. De facto, nesta cena fica invertida a concepção do mundo de então, que hoje, de um modo distinto, aparece de novo florescente. Não são os elementos do cosmo, as leis da matéria que, no fim das contas, governam o mundo e o homem, mas é um Deus pessoal que governa as estrelas, ou seja, o universo; as leis da matéria e da evolução não são a última instância, mas razão, vontade, amor: uma Pessoa. E se conhecemos esta Pessoa e Ela nos conhece, então verdadeiramente o poder inexorável dos elementos materiais deixa de ser a última instância; deixamos de ser escravos do universo e das suas leis, então somos livres. Tal consciência impeliu na antiguidade os ânimos sinceros a indagar. O céu não está vazio. A vida não é um simples produto das leis e da casualidade da matéria, mas em tudo e, contemporaneamente, acima de tudo há uma vontade pessoal, há um Espírito que em Jesus Se revelou como Amor.

6. Os sarcófagos dos primórdios do cristianismo ilustram visivelmente esta concepção (com a morte diante dos olhos a questão do significado da vida torna-se inevitável). A figura de Cristo é interpretada, nos antigos sarcófagos, sobretudo através de duas imagens: a do filósofo e a do pastor. Em geral, por filosofia não se entendia então uma difícil disciplina académica, tal como ela se apresenta hoje. O filósofo era antes aquele que sabia ensinar a arte essencial: a arte de ser retamente homem, a arte de viver e de morrer. Certamente, já há muito tempo que os homens se tinham apercebido de que boa parte dos que circulavam como filósofos, como mestres de vida, não passavam de charlatães que com suas palavras granjeavam dinheiro, enquanto sobre a verdadeira

vida nada tinham a dizer. Isto era mais uma razão para se procurar o verdadeiro filósofo que soubesse realmente indicar o itinerário da vida.

7. Devemos voltar, uma vez mais, ao Novo Testamento. No décimo primeiro capítulo da *Carta aos Hebreus* (v. 1), encontra-se, por assim dizer, uma certa definição da fé que entrelaça estreitamente esta virtude com a esperança. À volta da palavra central desta frase começou a gerar-se desde a Reforma, uma discussão entre os exegetas, mas que parece hoje encaminhar-se para uma interpretação comum. Por enquanto, deixo o termo em questão sem traduzir. A frase soa, pois, assim: «A fé é *hypostasis* das coisas que se esperam; prova das coisas que não se vêem». Para os Padres e para os teólogos da Idade Média era claro que a palavra grega *hypostasis* devia ser traduzida em latim pelo termo *substantia*. De facto, a tradução latina do texto, feita na Igreja antiga, diz: «*Est autem fides sperandarum substantia rerum, argumentum non apparentium* – a fé é a “substância” das coisas que se esperam; a prova das coisas que não se vêem». Tomás de Aquino, servindo-se da terminologia da tradição filosófica em que se encontra, explica: a fé é um «*habitus*», ou seja, uma predisposição constante do espírito, em virtude do qual a vida eterna tem início em nós e a razão é levada a consentir naquilo que não vê. Deste modo, o conceito de «substância» é modificado para significar que pela fé, de forma incoativa – poderíamos dizer «em germen» e, portanto, segundo a «substância» – já estão presentes em nós as coisas que se esperam: a totalidade, a vida verdadeira. E precisamente porque a coisa em si já está presente, esta presença daquilo que há de vir cria também certeza: esta «coisa» que deve vir ainda não é visível no mundo externo (não «aparece»), mas pelo facto de a trazermos, como realidade incoativa e dinâmica dentro de nós, surge já agora uma certa percepção dela. Para Lutero, que não nutria muita simpatia pela *Carta aos Hebreus* em si própria, o conceito de «substância», no contexto da sua visão da fé, nada significava.

8. Esta explicação fica ainda mais reforçada e aplicada à vida concreta, se considerarmos o versículo 34 do décimo capítulo da *Carta aos Hebreus* que, sob o aspeto da língua e do conteúdo, tem a ver com esta definição de uma fé perpassada de esperança e prepara-a. No texto, o autor fala aos crentes que viveram a experiência da perseguição, dizendo-lhes: «Não só vos compadecestes dos encarcerados, mas aceitastes com alegria a confiscação dos vossos bens (*hyparchonton*

– Vg: *bonorum*), sabendo que possuís uma riqueza melhor (*hyparxin* – Vg: *substantiam*) e imperecível». *Hyparchonta* são as propriedades, aquilo que na vida terrena constitui a sustentação, precisamente a base, a «substância» da qual se necessita para viver. Esta «substância», a segurança normal para a vida, foi tirada aos cristãos durante a perseguição. Eles suportaram-no, porque em todo o caso consideravam transcurável esta substância material. Podiam prescindir dela, porque tinham achado uma «base» melhor para a sua existência – uma base que permanece e que ninguém lhes pode tirar. Não é possível deixar de ver a ligação existente entre estas duas espécies de «substância», entre a sustentação ou base material e a afirmação da fé como «base», como «substância» que permanece

9. Para compreender mais profundamente esta reflexão sobre as duas espécies de substâncias - *hypostasis* e *hyparchonta* – e sobre as duas maneiras de viver que com elas se exprimem, devemos refletir ainda brevemente sobre duas palavras referentes ao assunto, que se encontram no décimo capítulo da *Carta aos Hebreus*. Trata-se das palavras *hypomone* (10,36) e *hypostole* (10,39). *Hypomone* traduz-se normalmente por «paciência», perseverança, constância. Este saber esperar, suportando pacientemente as provas, é necessário para o crente poder «obter as coisas prometidas» (cf. 10,36). Na religiosidade do antigo judaísmo, esta palavra era usada expressamente para a espera de Deus, característica de Israel, para este perseverar na fidelidade a Deus, na base da certeza da Aliança, num mundo que contradiz a Deus. Sendo assim, a palavra indica uma esperança vivida, uma vida baseada na certeza da esperança.